

DAVI KOPENAWA E BRUCE ALBERT

A queda do céu

Palavras de um xamã yanomami

Tradução

Beatriz Perrone-Moisés

Prefácio

Eduardo Viveiros de Castro

4ª reimpressão

Prólogo

Este livro, ao mesmo tempo relato de vida, autoetnografia e manifesto cosmopolítico, convida a uma viagem pela história e pelo pensamento de um xamã yanomami, Davi Kopenawa. Nascido há seis décadas no norte da Amazônia brasileira, no alto rio Toototobi (AM), num mundo ainda muito afastado dos brancos, Davi Kopenawa viu-se confrontado desde a infância, no decorrer de uma existência muitas vezes épica, com os sucessivos protagonistas do avanço da fronteira regional (agentes do Serviço de Proteção aos Índios [SPI], militares da Comissão Brasileira Demarcadora de Limites [CBDL], missionários evangélicos, trabalhadores de estradas, garimpeiros e fazendeiros). Seus relatos e reflexões, que coletei e transcrevi em sua língua, antes de reordená-los e redigi-los em francês, propiciam uma visão inédita, tanto por sua intensidade poética e dramática como por sua perspicácia e humor, do malencontro histórico entre os ameríndios e as margens de nossa “civilização”.

Davi Kopenawa quis, desde o início de nossa colaboração, que seu testemunho atingisse a maior audiência possível. Este prólogo se propõe, portanto, a oferecer alguns elementos de referência, indispensáveis para orientar minimamente os leitores interessados na aventura de sua leitura. Apresenta inicialmente um brevíssimo apanhado a respeito dos Yanomami do Brasil e sua

história; em seguida, um resumo da biografia de Davi Kopenawa, autor das palavras que constituem a fonte viva deste livro, bem como algo do percurso do autor destas linhas, que buscou restituir seu saber e o sabor em forma escrita. Trata enfim, muito rapidamente, de nosso encontro e de nossa colaboração, bem como da produção deste texto e de seu conteúdo. Todos esses temas são desenvolvidos de modo mais consistente nos Anexos e no *Postscriptum* do livro, para os leitores cuja curiosidade mova para além desta sucinta apresentação.

OS YANOMAMI DO BRASIL

Os Yanomami¹ constituem uma sociedade de caçadores-coletores e agricultores de coivara que ocupa um espaço de floresta tropical de aproximadamente 230 mil quilômetros quadrados, nas duas vertentes da serra Parima, divisor de águas entre o alto Orinoco (no sul da Venezuela) e a margem esquerda do rio Negro (no norte do Brasil).² Formam um vasto conjunto linguístico e cultural isolado, subdividido em várias línguas e dialetos aparentados. Sua população total é estimada em mais de 33 mil pessoas repartidas em cerca de 640 comunidades,³ o que faz deles um dos maiores grupos ameríndios da Amazônia que conservam em larga medida seu modo de vida tradicional.

No Brasil, o território yanomami, homologado em 1992 com o nome de Terra Indígena Yanomami, estende-se por 96 650 quilômetros quadrados no extremo norte da Amazônia, ao longo da fronteira com a Venezuela. Conta com uma população de aproximadamente 21 600 pessoas, repartidas em pouco menos de 260 grupos locais. Cada uma dessas comunidades é em geral formada por um conjunto de parentes cognáticos cujas famílias estão idealmente unidas por laços de intercasamento repetidos por duas ou mais gerações, e que reside em uma ou várias casas comunais de forma cônica ou troncônica.⁴

Os primeiros contatos, esporádicos, dos Yanomami do Brasil com os brancos, coletores de produtos da floresta, viajantes estrangeiros, militares das expedições de demarcação de fronteiras ou agentes do SPI datam do início do século xx. Entre as décadas de 1940 e 1960, algumas missões (católicas e evangélicas) e postos do SPI se instalaram na periferia de suas terras, abrindo

assim os primeiros pontos de contato regular, fontes de obtenção de bens manufaturados e também de vários surtos de epidemias letais. No início da década de 1970, esses primeiros avanços da fronteira regional seriam brusca-mente intensificados, primeiro pela abertura de um trecho da Perimetral Norte ao sul das terras yanomami em 1973 e, passados dez anos de trégua, com a irrupção de uma corrida pelo ouro sem precedentes em sua região central, em 1987. A construção da estrada foi abandonada em 1976, e a invasão dos garimpeiros, relativamente contida a partir de meados da década de 1990. Entretanto, intensas atividades de garimpo foram retomadas nestes últimos anos e, além disso, a integridade da Terra Indígena Yanomami vem sofrendo novas ameaças, tanto de companhias mineradoras como da frente agropecuária local, interessadas em expandir suas atividades no oeste do estado de Roraima.

DAVI KOPENAWA, XAMÃ E PORTA-VOZ YANOMAMI

Davi Kopenawa nasceu por volta de 1956, em *Marakana*, grande casa comunal de cerca de duzentas pessoas, situada na floresta tropical de piemonte do alto rio Toototobi, no extremo norte do estado do Amazonas, próximo à fronteira com a Venezuela. Desde o final da década de 1970, reside na comunidade de seus sogros, no sopé da “Montanha do Vento” (*Watoriki*), na margem direita do rio Demini, a menos de cem quilômetros a sudeste do rio Toototobi.

Quando criança, Davi Kopenawa viu seu grupo de origem ser dizimado por duas epidemias sucessivas de doenças infecciosas propagadas por agentes do SPI (1959-60) e, depois, por membros da organização norte-americana New Tribes Mission (1967). Foi submetido por algum tempo ao proselitismo desses missionários, que se estabeleceram no rio Toototobi a partir de 1963. Deve a eles seu nome bíblico, a aprendizagem da escrita e um apanhado pouco atraente do cristianismo. Apesar da curiosidade inicial, não demorou a se indignar com seu fanatismo e obsessão pelo pecado. Rebelou-se finalmente contra sua influência no final da década de 1960, após ter perdido a maior parte dos seus durante uma epidemia de varíola transmitida pela filha de um dos pastores.

Adolescente e órfão, revoltado por sucessivos lutos devidos às doenças dos brancos, mas ainda intrigado pelo seu poderio material, Davi Kopenawa deixou sua região natal para trabalhar num posto da Fundação Nacional do Índio (Funai),⁵ no baixo rio Demini, em Ajuricaba. Lá se esforçou, em suas próprias palavras, para “virar branco”. Tudo o que conseguiu foi contrair tuberculose. Essa desventura lhe valeu uma longa permanência no hospital, onde aproveitou para aprender alguns rudimentos de português. Uma vez curado, pôde voltar a sua casa no rio Toototobi, mas só por algum tempo. Em 1976, após a abertura da Perimetral Norte, foi contratado como intérprete da Funai. Assim, durante alguns anos, percorreu quase toda a terra yanomami, tomando consciência de sua extensão e de sua unidade cultural, para além das diferenças locais. A experiência lhe deu também um conhecimento mais preciso da obsessão predatória dos que ele chama de “Povo da Mercadoria”, e da ameaça que ela representa para a permanência da floresta e a sobrevivência de seu povo.

Finalmente, cansado de suas peregrinações de intérprete, Davi Kopenawa se instalou definitivamente em *Watoriki*, no início da década de 1980, depois de ter se casado com a filha do “grande homem” (*pata t'ë*) da comunidade. Este, xamã renomado, iniciou-o em sua arte e, tradicionalista convicto, tem sido desde então seu mestre de pensamento. Essa iniciação foi, para Davi Kopenawa, a ocasião de uma volta às origens, graças à qual pôde retomar uma vocação xamânica manifestada desde a infância mas interrompida pela chegada dos brancos. Posteriormente, serviu-lhe de alicerce para desenvolver uma reflexão cosmológica original a respeito do fetichismo da mercadoria, da destruição da floresta amazônica e das mudanças climáticas.⁶

No final da década de 1980, mais de mil Yanomami morreram no Brasil, vítimas das doenças e da violência que acompanharam a invasão de seu território por cerca de 40 mil garimpeiros. Davi Kopenawa ficou transtornado com esse drama, que reavivou nele velhas lembranças do extermínio dos seus pelas epidemias (*xawara*) dos brancos quando era criança. Depois de anos engajado para conseguir a legalização das terras yanomami, ele então se envolveu numa campanha internacional em defesa de seu povo e da Amazônia. Sua experiência inédita dos brancos, sua incomum firmeza de caráter e a legitimidade decorrente de sua iniciação xamânica rapidamente fizeram dele um porta-voz destacado da causa yanomami. Ao longo das décadas de 1980 e 1990, visitou

vários países da Europa e os Estados Unidos. Em 1988, recebeu o prêmio Global 500 das Nações Unidas, por sua contribuição à defesa do meio ambiente. Em 1989, a ONG Survival International o convidou a receber em seu nome o prêmio Right Livelihood, considerado o prêmio Nobel alternativo, por atrair a atenção internacional sobre a situação dramática dos Yanomami no Brasil. Em maio de 1992, durante a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, no Rio de Janeiro (ECO-92 ou Rio-92), obteve finalmente a homologação da Terra Indígena Yanomami por parte do governo brasileiro. Em 1999, foi condecorado com a Ordem de Rio Branco, pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso, “por seu mérito excepcional”.

Davi Kopenawa é um homem de personalidade complexa e carismática, ora tenso e pensativo, ora caloroso e bem-humorado. Todos os episódios de sua trajetória pessoal evidenciam sua curiosidade intelectual fora do comum, sua determinação inabalável e sua admirável coragem. Ele tem seis filhos, entre os quais uma menininha adotada há poucos anos, e quatro netos que ele e a esposa, Fátima, cobrem de carinho e atenção. Vive com a mulher e os filhos menores num setor da grande casa coletiva de *Watoriki* igual a todos os demais. Apesar da fama, cultiva um altivo desprezo pelas coisas materiais, e só sente algum orgulho quando perturba a arrogante surdez dos brancos. Suas atividades preferidas são, na floresta, responder aos cantos dos espíritos e, nas cidades, falar em defesa de seu povo. É hoje uma liderança yanomami muito influente e um xamã respeitado. Defensor incansável da terra e dos direitos dos Yanomami, continua zelando com rigor pela tradição de seus maiores, em particular de seu saber xamânico. Desde 2004, é presidente fundador da associação Hutukara, que representa a maioria dos Yanomami no Brasil.⁷ Em dezembro de 2008, recebeu uma menção de honra especial do prestigioso prêmio Bartolomé de Las Casas, concedido pelo governo espanhol pela defesa dos direitos dos povos autóctones das Américas e, em 2009, foi condecorado com a Ordem do Mérito do Ministério da Cultura brasileiro.

BRUCE ALBERT, ETNÓLOGO

Nascido em 1952 no Marrocos, doutor em antropologia pela Université de Paris X-Nanterre (1985) e pesquisador sênior do Institut de Recherche pour

le Développement (IRD, Paris), comecei a trabalhar com os Yanomami do Brasil em março de 1975. Tinha acabado de completar 23 anos e de me formar numa Paris de ciências humanas efervescentes. Ainda embriagado de leituras etnográficas, me vi de repente mergulhado no faroeste amazônico dos confins do Brasil com a Venezuela, na região do alto rio Catrimani. Esgueirando-se por entre os caminhões e escavadeiras gigantes dos canteiros da Perimetral Norte, ou desarmando com humor as boas intenções invasivas de um pitoresco padre italiano, os Yanomami me seduziram imediatamente pela elegância jovial e irônica. Revoltado com o espetáculo lastimável das megalomaníacas obras viárias rasgando a floresta a esmo, com seu cortejo de doenças e devastação, entendi que para mim nenhuma etnografia seria possível sem um envolvimento duradouro ao lado do povo com quem tinha resolvido trabalhar. Minhas inclinações pessoais certamente me predispunham mais à busca de um saber vivido e ao engajamento social do que às ambições acadêmicas. Assim, o trabalho de etnólogo apresentou-se imediatamente a mim como um misto de busca intelectual e modo de vida; isso antes de se tornar uma profissão — profissão cujos ritos institucionais, aliás, nunca me atraíram. Desde então, minha existência assumiu as consequências desse primeiro encontro com os Yanomami na forma de uma aventura de “participação observante” de (muito) longo prazo, sem que o engajamento pessoal afetasse o gosto pela reflexão antropológica.

Paralelamente ao meu trabalho de pesquisa sobre vários aspectos da sociedade e do pensamento yanomami, participei em 1978 da fundação, em São Paulo, da ONG Comissão Pró-Yanomami (CCPY),⁸ que conduziu com Davi Kopenawa uma campanha de catorze anos até obter, em 1992, a homologação da Terra Indígena Yanomami. Durante quase trinta anos, a CCPY levou adiante programas de saúde, de educação bilíngue e de proteção ambiental, de cuja implementação participei diretamente.⁹ Acabei conseguindo aprender razoavelmente uma das línguas yanomami; justamente a que é falada na região onde nasceu e hoje reside Davi Kopenawa. Viajo à terra yanomami praticamente todos os anos há quatro décadas e, como terá ficado claro, estou ligado a Davi Kopenawa por uma longa história de amizade e lutas compartilhadas.

O ENCONTRO E A COLABORAÇÃO

Encontrei Davi Kopenawa pela primeira vez em 1978, em circunstâncias ao mesmo tempo ambíguas e divertidas, às quais voltarei no *Postscriptum* deste livro. Ambos tínhamos vinte e poucos anos. Eu estava começando uma segunda etapa de trabalho de campo etnográfico entre os Yanomami. Já tinha convivido durante um ano com os Yanomami do alto Catrimani, entre 1975 e 1976. Davi Kopenawa era intérprete nos postos abertos pela Funai ao longo da Perimetral Norte, cuja construção tinha sido interrompida dois anos antes. Mais tarde, em 1981, passei seis meses em sua região natal, nas proximidades do rio Toototobi, e nos encontramos mais uma vez. Pude então conhecer os lugares e personagens importantes de sua infância e adolescência. Finalmente, a partir de 1985, sua atual aldeia, *Watoriki*, tornou-se o destino preferencial de minhas visitas às terras yanomami. Além disso, conheço seu sogro e mentor xamânico, bem como os demais habitantes da comunidade em que ele se casou, desde minha primeira viagem em 1975 pelo alto rio Catrimani, região de que são originários.

Desde 1985, minhas relações de amizade com Davi Kopenawa foram se estreitando cada vez mais, no decorrer de minhas longas estadias em sua casa de *Watoriki* e também como resultado da cumplicidade gerada pelo engajamento compartilhado contra a corrida do ouro, que então devastava as terras yanomami. O projeto deste livro, que Davi Kopenawa me pediu que escrevesse para divulgar suas palavras, só pôde se concretizar graças a essa confiança e parceria. Deita raízes na revolta e na angústia de Davi Kopenawa diante do extermínio de seu povo pelos garimpeiros, no final da década de 1980. As gravações que serviram de base para as sucessivas versões do manuscrito começaram em dezembro de 1989 e prosseguiram, no ritmo de minhas viagens à terra yanomami ou de eventos indigenistas nas cidades, até o início da década de 2000. Trata-se, portanto, de um conjunto de falas, narrativas e conversas, gravadas em yanomami, em geral sem roteiro, ao longo de mais de dez anos, a respeito de sua vida, de seu saber xamânico e de sua experiência do mundo dos brancos. Como todos terão desconfiado, recompor esse vasto e complexo arquipélago de palavras yanomami no conjunto de capítulos de um texto destinado à publicação em francês (e depois em português) não foi tarefa das mais

simples: as vicissitudes dessa redação serão igualmente relatadas em detalhes no *Postscriptum* que encerra este volume.

O LIVRO

O depoimento de Davi Kopenawa é o primeiro relato interno sobre a sociedade, a história recente e a cultura dos Yanomami desde a publicação de *Yanoama. Dal racconto di una donna rapita dagli Indi*, a biografia de Helena Valero, cativa dos Yanomami durante 24 anos, editada pelo biólogo italiano Ettore Biocca em 1965. Sinal dos tempos: ainda que esses dois livros tratem de experiências situadas em épocas sucessivas, um na Venezuela e o outro no Brasil (Helena Valero volta à sociedade dos brancos em 1956, ano do nascimento de Davi Kopenawa), a identidade e a trajetória dos narradores se invertem.

Yanoama reconstituía as atribuições de uma menina brasileira capturada pelos índios aos treze anos, em 1932, numa época em que os guerreiros yanomami do interflúvio entre o alto rio Negro e o canal de Cassiquiare lutavam para expulsar os coletores de produtos da floresta que estavam invadindo suas terras.¹⁰ A narrativa de Davi Kopenawa, por sua vez, descreve o itinerário pessoal e as meditações sobre os brancos de um xamã e porta-voz yanomami contemporâneo. Cobre um período que vai de sua primeira infância, antes do estabelecimento, em 1963, do primeiro posto missionário em sua região natal, até sua singular odisséia pelo mundo dos brancos a partir da década de 1970.

Contudo, este livro não é uma etnobiografia clássica. Não se trata de um relato de vida solicitado e reconstruído por um "redator fantasma", a partir de seu próprio projeto de registro documental, à moda dos clássicos norte-americanos do gênero no começo do século passado.¹¹ Tampouco é uma autobiografia pertencente a um gênero narrativo tradicional, transcrita e traduzida por um antropólogo fazendo as vezes de mero secretário etnográfico. Os registros do depoimento de Davi Kopenawa não cabem nos cânones autobiográficos clássicos (nossos ou dos Yanomami).¹² Os relatos dos episódios cruciais de sua vida mesclam inextricavelmente história pessoal e destino coletivo. Ele se expressa por intermédio de uma imbricação complexa de gêneros: mitos e nar-

rativas de sonho, visões e profecias xamânicas, falas reportadas e exortações políticas, autoetnografia e antropologia simétrica. Além disso, este livro nasceu de um projeto de colaboração situado na interseção, imprevisível e frágil, de dois universos culturais. Sua produção, oral e escrita, foi portanto constantemente atravessada pelas visadas discursivas cruzadas de seus autores, um xamã yanomami versado no mundo dos brancos e um etnógrafo com longa familiaridade com o de seus anfitriões.

Num momento crítico de sua vida e da existência de seu povo, Davi Kopenawa resolveu, em função de meu envolvimento intelectual e político junto aos Yanomami, confiar-me suas palavras. Pediu-me que as pusesse por escrito para que encontrassem um caminho e um público longe da floresta. Desejava desse modo não apenas denunciar as ameaças que sofrem os Yanomami e a Amazônia, mas também, como xamã, lançar um apelo contra o perigo que a voracidade desenfreada do "Povo da Mercadoria" faz pesar sobre o futuro do mundo humano e não humano. Os dizeres de Davi Kopenawa constroem, assim, um complexo hipertexto cosmológico e etnopolítico, tecido num esforço inédito de auto-objetivação e de persuasão, resultante de uma história e de um engajamento pessoal que conferem a seu relato uma singularidade radical, incluído no universo yanomami.

De minha parte, me esforcei por restituir a sensibilidade poética e a densidade conceitual de suas palavras, numa tradução tão próxima quanto possível, mas evidentemente usando uma forma de escrita e de composição capaz de torná-las mais facilmente acessíveis a um público de não especialistas. Além disso, afora este breve prólogo e alguns outros elementos de peritexto ("Notas", "Postscriptum" e "Anexos"), postos tão discretamente quanto possível a serviço de sua melhor compreensão, evitei deliberadamente soterrar as falas e narrativas de Davi Kopenawa num quadro interpretativo redutor, ou entrecortá-las com lembretes complacentes de minha presença ou dos meus estados de espírito. É oferecendo-as ao leitor assim, antes de qualquer comentário, em toda a potência de sua alteridade singular, que espero ter honrado o melhor que pude a tarefa de que ele me incumbiu, de fazer com que suas palavras fossem ouvidas e tivessem efeito em nosso mundo.

Este livro é composto de três partes. A primeira ("Devir outro") relata os primórdios da vocação xamânica e, em seguida, a iniciação de Davi Kopenawa sob a orientação do sogro. Descreve ainda sua concepção da cosmologia e do

trabalho xamânico yanomami, com base no saber adquirido graças à escuta dos antigos xamãs que o iniciaram. A segunda parte (“A fumaça do metal”) trata do encontro — seu e de seu grupo, e depois de seu povo — com os brancos. Abre com os rumores xamânicos que precederam os primeiros contatos e termina com a irrupção mortífera dos garimpeiros, depois de passar pela chegada dos missionários e pela abertura da estrada Perimetral Norte. A terceira parte (“A queda do céu”) evoca, ao contrário, o périplo realizado por Davi Kopenawa para denunciar o extermínio dos seus e a devastação da floresta, saindo da sua comunidade para visitar grandes cidades, primeiro no Brasil, depois na Europa e nos Estados Unidos. Este último relato, construído na forma de uma série de viagens xamânicas, é entremeado com meditações comparativas a partir de uma etnografia crítica de certos aspectos de nossa sociedade, e desemboca numa profecia cosmoecológica sobre a morte dos xamãs e o fim da humanidade.

GRAFIA, PRONÚNCIA E GLOSSÁRIOS

Para ter uma ideia da pronúncia das palavras e expressões yanomami presentes neste livro, basta que o leitor tenha em mente algumas indicações elementares (os sons não mencionados aqui correspondem aproximadamente aos do português). No registro das vogais: *ë* equivale ao *e* mudo do francês e do português europeu e *i* (*i* tachado) é pronunciado entre *i* e *u*. Quanto às consoantes: *h^w* é pronunciado como um *h* aspirado, com os lábios em forma de círculo, *t^h* é pronunciado como um *t* seguido de um leve sopro. Para maiores informações sobre a língua falada por Davi Kopenawa e sua grafia, veja-se o anexo 1 no final deste volume.

Todas as palavras e expressões yanomami citadas no texto estão em itálico, enquanto as palavras que Davi Kopenawa às vezes diz em português, nas gravações a partir das quais trabalhamos, estão assinaladas em negrito em sua primeira ocorrência. A transcrição das onomatopeias, tão saborosas e finalmente codificadas em yanomami, foi limitada ao máximo para tornar o texto mais leve. Por outro lado, foram mantidas algumas interjeições utilizadas de modo recorrente para introduzir falas citadas. São elas: *asi!*, que indica raiva; *awei!*, que marca aprovação; *haixopë!*, que denota a recepção (com aprovação) de uma

informação nova; *ha!*, que marca a surpresa (satisfeita e/ou irônica); *hou!*, que denota irritação; *ma!*, que expressa reprovação; e, finalmente, *oae!*, que marca uma súbita lembrança.

A numeração atribuída aos 35 mitos (M4 a M362) citados nas notas corresponde à da compilação de Wilbert e Simoneau, na qual eu os publiquei em 1990 (ver referências bibliográficas). Os leitores mais curiosos poderão consultar essa coletânea para aprofundar seu conhecimento da mitologia e da cosmologia yanomami. A identificação das espécies vegetais e animais mencionadas no texto é fornecida nos glossários reunidos no fim da obra, onde se encontram também observações relativas a etnônimos e topônimos e às notas explicativas, numeradas por capítulo. Todos os desenhos inseridos no texto foram feitos por Davi Kopenawa.

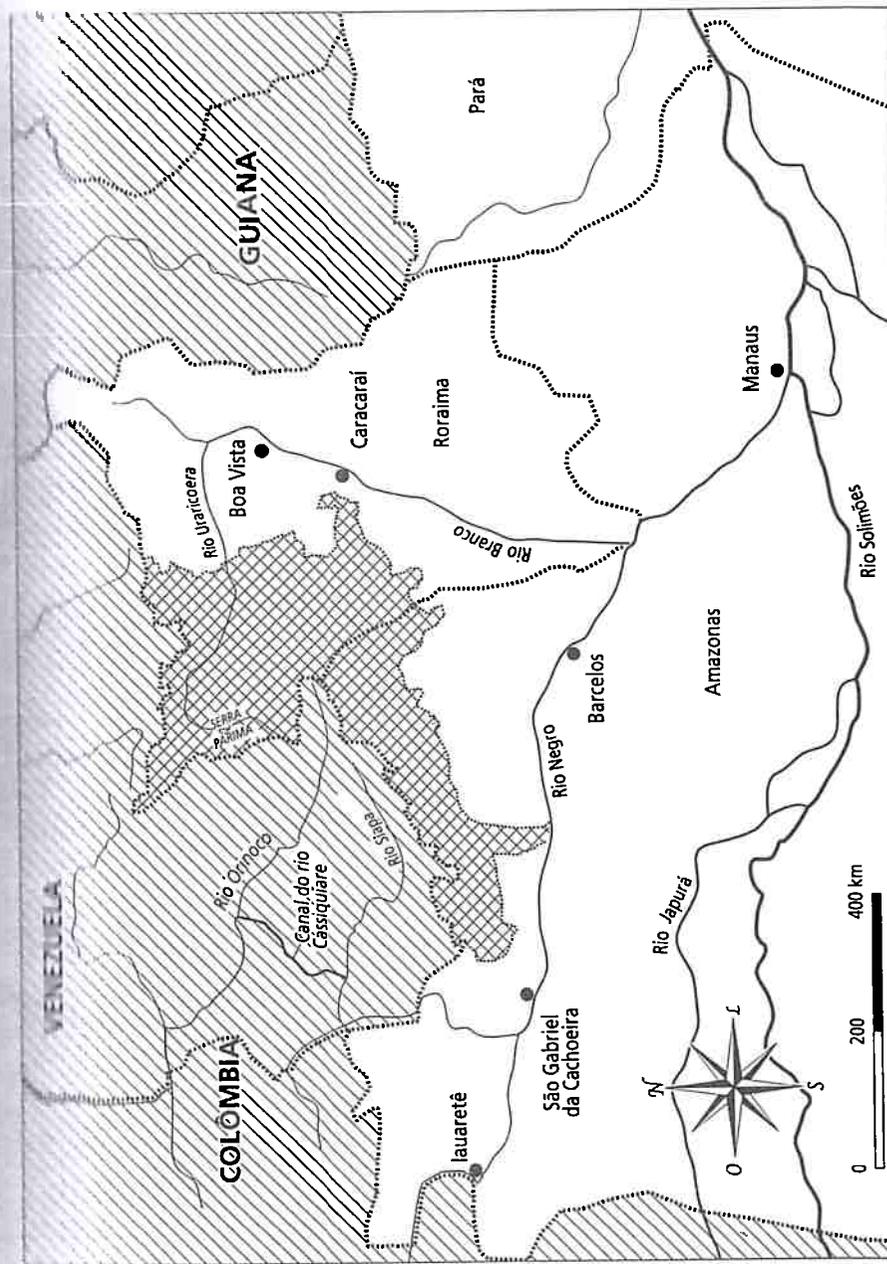
B.A.

Terra Indígena Yanomami no Brasil



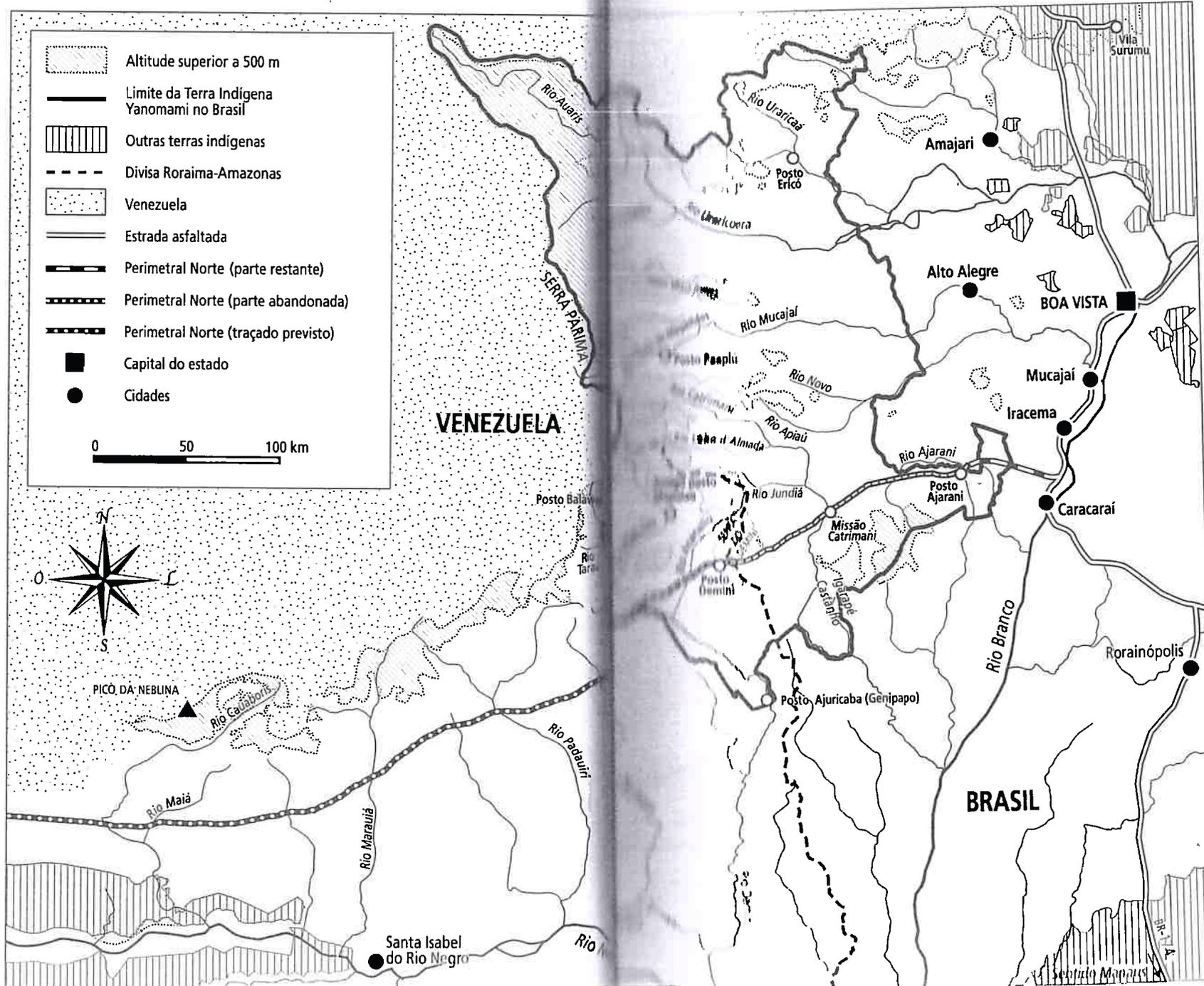
© F.-M. Le Tourneau/P. Méritenne

Situação da Terra Indígena Yanomami

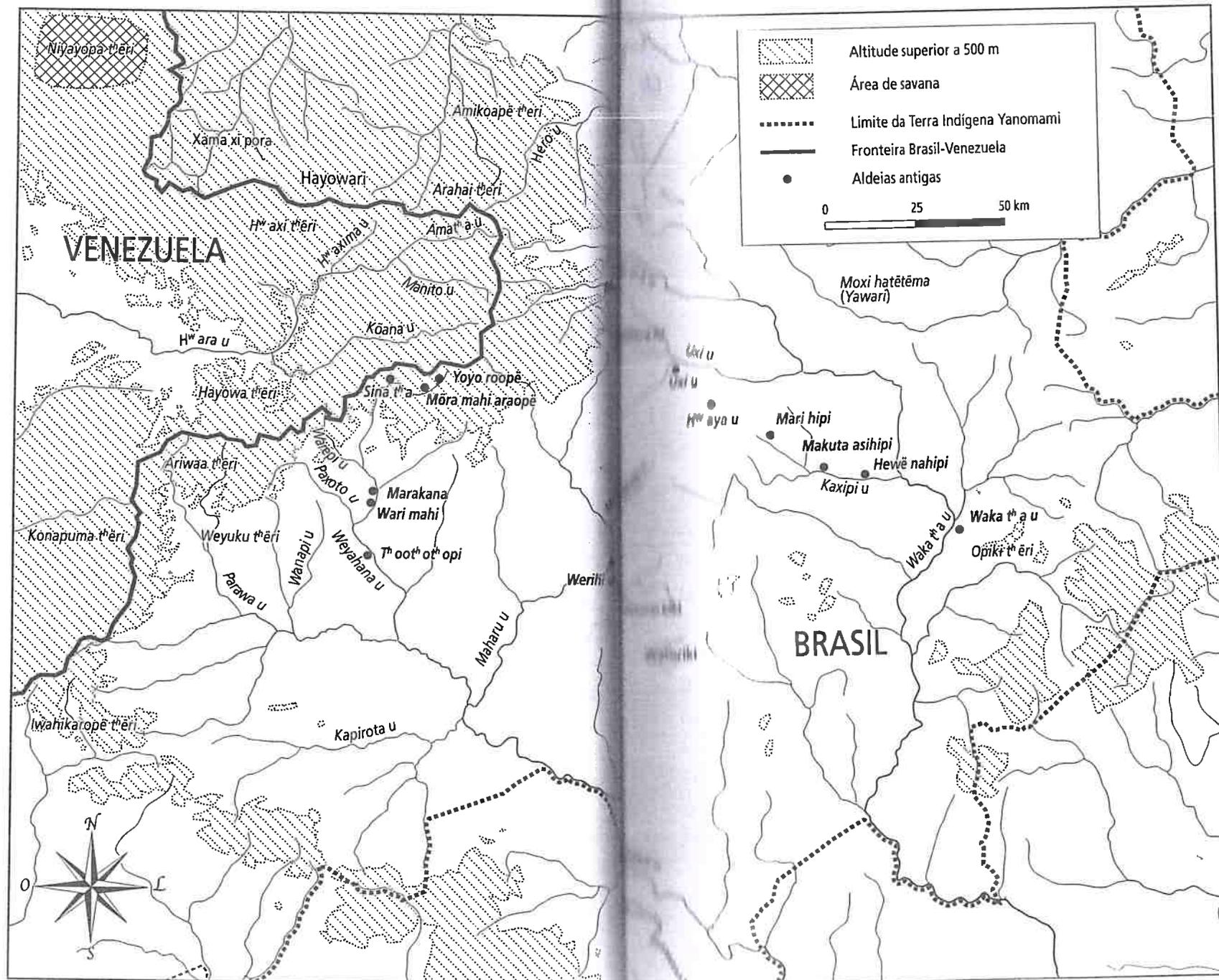


© F.-M. Le Tourneau/P. Méritenne

Mapa detalhado da Terra Indígena Yanomami
(topônimos em português)



Mapa detalhado dos principais
topônimos citados em yanomami

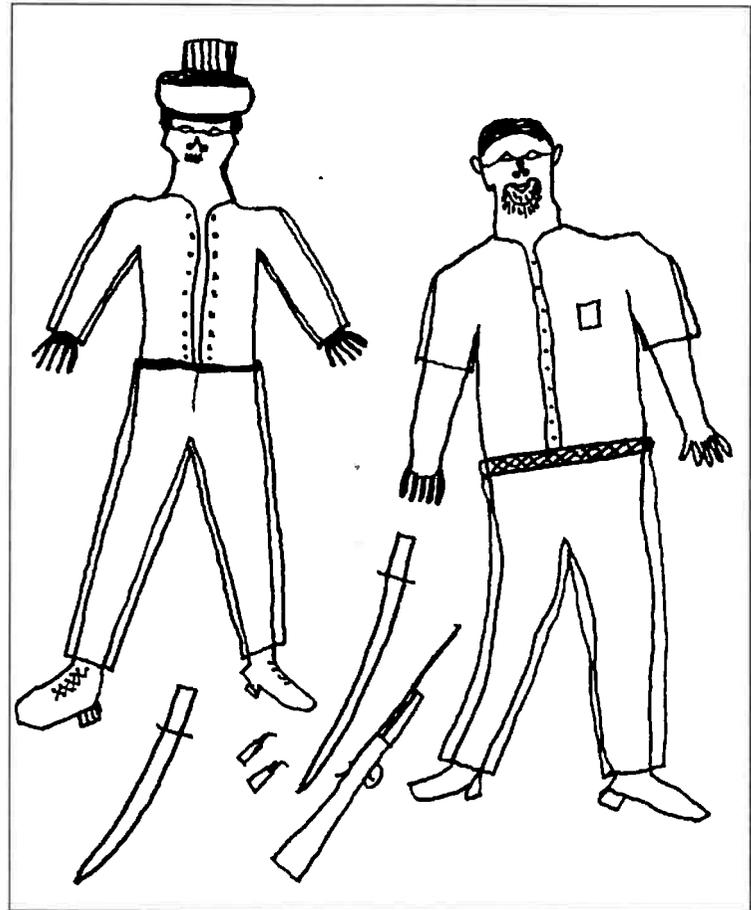


seguiram entender nada. Então pensavam, perplexos: "() que será que eles querem dizer? É só esta a fala que conseguem proferir? Que modo medonho de se expressar! Será essa a língua dos fantasmas? Não; deve ser outro linguajar, a fala de zumbido que *Remori* deu aos forasteiros!”

Por mais que tentassem imitar os brancos, nunca chegavam a nada que fosse compreensível. Só conseguiam pronunciar palavras feias e tortas. As nossas são bem diferentes. São palavras de habitantes da floresta que nos ensinou *Omama*, e os brancos não as podem entender. Assim é. *Omama* e *Remori* resolveram que as gentes diferentes que tinham criado não deviam ter a mesma língua. Acharam que o uso de uma só língua provocaria conflitos constantes entre eles, pois as más palavras de uns poderiam ser ouvidas sem dificuldade por todos os demais. Por isso deram outros modos de falar aos forasteiros, e depois os separaram em terras diferentes. Então, ao fazerem surgir neles todas essas línguas, disseram-lhes: “Vocês não entenderão as palavras dos outros e, assim, só irão brigar entre si. O mesmo acontecerá com eles”.

Omama, *Remori* e os habitantes de *Hayowari* desapareceram de nossa floresta há muito tempo. Mas isso só aos olhos da gente comum. Pois os xamãs sabem que seus fantasmas continuam lá. Fazem dançar suas imagens e sempre dão a ouvir seus cantos. Quando eu era mais jovem e escutava os adultos virando espíritos, eu perguntava a mim mesmo: “Como eles fazem? De onde vêm realmente essas palavras do começo do tempo?”. Mais tarde, quando foi minha vez de beber *yākoana*, os xamãs mais velhos fizeram essas imagens descerem para mim. Foi então que eu também pude ver a gente de *Hayowari* carregada pelas águas de *Motu uri u* e os imensos bancos de areia onde vive *Remori*. Desde então, continuo sempre a admirar as imagens do primeiro tempo nos sonhos de meu sono de fantasma.³⁰

10. Primeiros contatos



Os brancos.

Nas nascentes do rio Toototobi se encontram casas dos Ualcã [Yanomami], interligadas por numerosos caminhos que se dirigem a leste [...] e a oeste [...]. Seria difícil calcular o número de índios que habitam esse rio. Parece, no entanto, que são numerosos.

M. de L. Jovita, 1948
Comissão Brasileira Demarcadora de Limites

Meu pai morreu quando eu ainda era bem pequeno. Contaram-me os anciãos do rio Toototobi que foram feiticeiros inimigos *oka* que o mataram. Estava trabalhando em sua roça havia algum tempo, quando começou a sentir fome. Entrou na floresta para coletar frutos de palmeira *yoi si*. Os *oka* aproveitaram para soprar nele um pó de feitiçaria *h'ëri* com suas zarabatanas. Ele começou a se sentir mal e desmaiou. Então eles o pegaram, e em seguida quebraram-lhe os ossos dos membros, do pescoço e dos rins. Disseram-me também que o grupo de feiticeiros era conduzido pelo grande homem da gente do rio *Hero u*, com seus aliados do alto rio Mucajá, a gente de *Amikoapë*. Na época, todos eles ainda eram muitos e eram nossos inimigos. Não faz muito tempo que eu soube disso, pelo pai de minha esposa. Ninguém me havia dito nada até então. Se eu tivesse sabido disso quando era mais jovem, talvez tivesse matado esse inimigo do *Hero u* em estado de homicida *önokae*, para vingar meu pai.¹ Mas hoje, já se passou muito tempo, e não sinto mais raiva. Além do que o homem já morreu de malária, quando os garimpeiros invadiram toda a floresta dele.

Quando meu pai faleceu, minha mãe ainda me carregava no colo; não tenho nenhuma lembrança dele. Não sei seu nome. Ninguém me revelou, nem mesmo minha mãe. Minha irmã mais velha, do mesmo modo, jamais falou comigo de nosso pai. Sua boca, com certeza, tinha medo. Só os anciãos, que o conheceram na juventude, sabem seu nome. Talvez às vezes falem dele entre si. Não sei. Mas acho que o pai de minha esposa sabe. Porém, todos devem temer minha reação, pensando: "Se pronunciamos o nome do pai dele, Daví vai ficar furioso!". Assim, meu pensamento permaneceu fechado. Entre nós, quando morre alguém, seu nome é silenciado para sempre. Se uma pessoa descuidada por acaso o pronunciar diante de seus parentes, eles serão tomados pela dor e pela saudade, a ponto de ficar enfurecidos. Então vão tratar de se vingar, pela feitiçaria ou com suas flechas. Somente pessoas distantes podem evocar o nome de um morto, mas só na ausência de gente da casa dele. Caso

contrário, não se diz nada. É por isso que, quando morre o pai de uma criança pequena, nenhum dos adultos que o conheceu jamais lhe revelará seu nome. Ela jamais saberá.

Às vezes falo dessa época de minha infância quando respondo às perguntas dos brancos. Faço-o sem raiva, pois seu pensamento ignora todas essas coisas sobre nossos nomes. Eles não temem proferir os próprios nomes nem os de seus mortos, sem moderação! Não é assim entre nós. Um homem fica logo com raiva se seu nome for pronunciado diante dele e, após sua morte, será proibido por seus familiares com muita cautela.² Assim nós somos. Recusamo-nos a revelar os nomes dos nossos mortos porque damos a eles muito valor. Temos muito respeito por eles. De modo que achamos que os brancos gostam de maltratar seus próprios falecidos. Prendem-nos debaixo da terra e insultam-nos, evocando seus nomes o tempo todo! Pergunto-me como podem chorá-los depois de se comportarem assim! Nós pranteamos todos juntos os nossos mortos, durante muito tempo, mas sem jamais nomeá-los.

Após o falecimento de meu pai, outro homem tomou minha mãe como esposa. Eu ainda era bebê, e ele me levou junto com ela. Esse homem me protegeu e me criou. Ele me alimentou e me fez crescer com a carne de sua caça e o mel selvagem que coletava, com as bananas e a mandioca que cultivava. Hoje ele está muito velho e vive longe, numa outra casa. Não o vejo muito, mas o tenho com afeto em meu pensamento. Às vezes vou visitá-lo, levando mercadorias. Também envio enfermeiros brancos, para que cuidem dele, de modo que o protejo como ele fez por mim há muito tempo.³ É um grande xamã, e gostava muito de nos fazer ouvir suas palavras dos tempos antigos. Quando eu era pequeno, costumava me falar dos ancestrais que viraram caça no primeiro tempo. Contava-me também como *Omama* veio à existência e fez de seu filho o primeiro xamã, e como mais tarde criou os forasteiros. Contava-me tudo isso com zelo, durante a noite, enquanto eu, deitado na minha rede, olhava o fogo em que minha mãe soprava de tempos em tempos. Ele não queria que eu crescesse na ignorância. Ainda hoje, quando vejo os espíritos dançarem em meu sonho, lembro-me de suas palavras, que continuam sempre vivas na minha mente. Ele estava sempre brincando e sorrindo, mas era também um guerreiro muito temido. Tinha em si as imagens de *Aiamori*, o ser da guerra, e de *Öeōeri*, o ancestral que nos ensinou a flechar nossos inimigos. Foi ele que vingou a morte de meu pai, pois eram amigos. Meu pai era mais jovem do que ele,

que o chamava de cunhado. Costumavam caçar juntos. Naquele tempo, nossos antigos não hesitavam em comer os inimigos que tivessem matado um dos seus. Eram muito valentes. Não o vingavam às escondidas, soprando de longe pós de feitiçaria sobre quem o tinha matado. Preferiam juntar um grupo de guerreiros e usar suas flechas.

Quando criança, vivi num lugar que era chamado de *Marakana*, na beira do rio Toototobi. Foi lá que meu pai morreu. Na época do meu nascimento, a clareira aberta no local ainda era bem recente. Os nossos parentes tinham aberto novas roças, mas ainda viviam na floresta, num grande acampamento de tapiris.⁴ Meu padrasto me contou isso. Eu mesmo não me lembro. Criança assim pequena ainda não tem realmente consciência das coisas. Os adultos falam com os pequenos, mas a mente deles ainda está fechada. As palavras ainda não chegam a se fixar nela de fato. Só mais tarde, conforme crescem, seus pensamentos começam a se juntar uns aos outros e sua consciência se põe a florescer. Ainda guardo algumas lembranças do tempo da casa de *Marakana*. Não me lembro, porém, de ter visto os meus pais e avós plantarem seus esteios nem cobri-la com folhas de palmeira *paa hana*. Só me lembro da casa já construída. Era muito ampla, e morava nela muita gente mesmo. No começo, eram ali dois grupos reunidos, pois estávamos em guerra com a gente do rio Mapulaú e do alto Catrimani, que moravam a uns dias de caminhada.⁵

Voltaram a se separar mais tarde, porque brigavam muito entre si. Depois de *Marakana*, foram construídas três casas, bastante próximas umas das outras.⁶ A nossa ficava rio acima, num lugar chamado *Wari mahi*, o lugar da sumaúma. Os outros tinham se instalado um pouco a jusante, também perto da margem do rio Toototobi. Mas logo meu padrasto começou a se distanciar da gente de *Wari mahi*. Passou a viver com eles só de vez em quando. Tinha construído sozinho uma casa menor e aberto uma roça a meio dia de caminhada rio abaixo. Morávamos lá, com minha mãe, minha irmã mais velha e uma outra família. O lugar se chamava *T^hoot^hot^hopi*, o lugar dos cipós.⁷ Passávamos lá a maior parte do tempo, e pouco visitávamos *Wari mahi*. Meu padrasto não gostava de morar lá, porque achava que havia gente demais. Creio que julgava

a casa muito barulhenta. Por isso, depois de *Marakana*, cresci sobretudo em *T^hoot^hot^hopi*.⁸

Lembro-me bem desse período de minha infância. Foi aquele em que minha mente se abriu, graças à carne de caça e aos alimentos da roça que me dava meu padrasto. Levava-me com ele em todas as suas viagens. Íamos sempre a festas *reahu* nas casas de nossos aliados. Partíamos também em expedições de muitos dias na mata, durante as quais morávamos em acampamentos de tapiris. Os nossos antigos acampavam desse modo por longos períodos, para caçar e coletar frutos.⁹ Naquele tempo da minha infância, passávamos realmente muito tempo na floresta. Hoje em dia, menos. Os rapazes gastam o seu tempo rondando os postos dos brancos. Eu, ao contrário, cresci na floresta, bebendo mel selvagem o tempo todo. Foi isso que tornou meu pensamento reto e permitiu que ele se ampliasse. Desde muito pequeno, comecei a observar os mais velhos, quando saíam para caçar ou iam trabalhar nas roças. Foi também nessa época que os vi, pela primeira vez, dançando para se apresentar nas festas *reahu* em casas amigas e imitando os espíritos urubu para partir em guerra contra seus inimigos.¹⁰

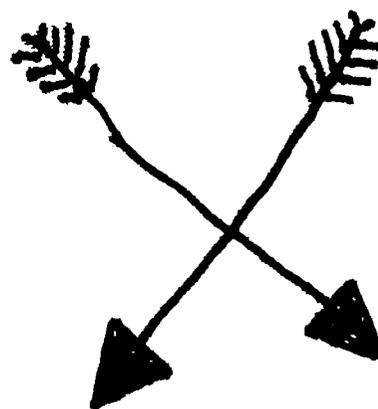
Minha mãe costumava também me levar com ela à floresta, para pegar caranguejos-de-água-doce, pescar com timbó ou coletar todos os tipos de frutos. Eu ainda a acompanhava à nossa roça quando ela ia colher mandioca ou banana, ou rachar lenha com o machado. Depois, assim que fiquei um pouco mais crescido, os adultos começaram a me chamar para acompanhá-los nas caçadas. Eu os seguia pela mata, ainda coberta de orvalho, e, quando eles flechavam animais pequenos, os davam a mim dizendo: “Leve esta caça, na volta você vai comê-la!”. Éramos, na época, um pequeno grupo de meninos da mesma idade. Os outros eram um pouco mais velhos do que nós. Crescemos indo sempre caçar e pescar juntos. Também ocupávamos nosso tempo imitando tudo o que faziam os adultos. Foi assim que, pouco a pouco, começamos a pensar direito. Flechávamos todos os tipos de passarinhos e lagartos, na floresta ou nas roças vizinhas. E os trazíamos de volta, entrando orgulhosos, como caçadores, em nossa grande casa. Moqueávamos as presas e organizávamos pequenas festas *reahu* com essa “caça”, como víamos fazer os mais velhos.¹¹ Estes nos encorajavam, brincando. Acrescentavam a nossas presas pedaços de caça de verdade. Então entoávamos alegremente cantos *heri*, como se costuma

fazer quando a comida de um *reahu* é farta. Também imitávamos a dança de apresentação de nossos convidados. Dançávamos inclusive em pequenos casais, segurando as meninas pelo pulso, como os adultos, em certas noites de festa. Divertíamos-nos muito mesmo!

Tudo isso ocorria na praça central da casa. Os adultos olhavam para nós e riam muito. Divertiam-se em nos ver parodiá-los com tanta ousadia. Não tínhamos medo nenhum! Fingíamos beber o pó de *yākoana*, como fazem todos os homens no último dia do *reahu*. Imitávamos também sua raiva no decorrer dos diálogos *yāimuu*. Agachados aos pares, maltratávamo-nos segurando uns aos outros pelo pescoço. Como eles, cantávamos gritando nos ouvidos dos nossos parceiros e batendo com a palma da mão em seus flancos. Os únicos adultos que não ousávamos imitar eram os xamãs. Os adultos nos tinham alertado. É perigoso demais, pois seus *xapiri* poderiam se irritar com isso e se vingar. Era assim que vivíamos. Só tomávamos como exemplo as maneiras dos nossos maiores. Não queríamos imitar os brancos, como costumam fazer as crianças de hoje, quando fabricam aviõezinhos de madeira e jogam bola. Não escutávamos o barulho dos rádios, nem o dos gravadores. Nossos ouvidos só davam atenção às palavras dos nossos e às vozes da floresta.

Nossos maiores convidavam gente de outras casas a suas festas *reahu* para beber mingau de banana-da-terra e oferecer porções de carne moqueada. Muitas vezes brigavam uns com os outros. Então, desafiavam-se aos gritos, exaltados, e insultavam seus adversários pronunciando seus nomes raivosamente. Depois batiam na cabeça uns dos outros, em alternância, com longas bordunas. Enfrentavam-se assim para vingar roubos de alimento em suas roças, porque tinham ciúmes de mulheres ou apenas porque tinham xingado um ao outro de covarde. Eu os observava de longe, um pouco assustado, e dizia a mim mesmo: “*Haixopë!* É assim que se deve lutar para aplacar a própria ira!”. Além disso, às vezes se lançavam em incursões de guerra contra seus inimigos. Na época, guerreavam em direção ao levante, contra os antigos da gente do rio Catrimani — que então viviam no rio Mapulau —, e, por vezes, em direção ao poente, contra os *Xamat^hari* do alto rio Demini.¹² Como eu disse, meu padrao era muito valente, sempre pronto para vingar nossos mortos. Naquele tempo, ele flechou um bom número de nossos inimigos do Catrimani, e tirou dos *Xamat^hari* as duas irmãs que são até hoje suas esposas.¹³ Eu vivia com

ele quando lançou todos esses ataques, junto com outros guerreiros do rio Toototobi. Vi-os muitas vezes se alinharem com seus arcos e flechas na praça central de nossa casa e imitarem os espíritos urubu antes de se pôr a caminho.¹⁴ Meu pensamento se fixava neles e eu pensava: “É assim que devemos nos vingar! Quando for mais velho, vou me juntar a eles!”. Eu era jovem demais para isso, e lamentava muito não poder acompanhar os adultos! Mas foi assim, observando-os constantemente, que meu pensamento se tornou mais sabido e que eu cresci.



Antes de chegar a *Marakana*, nossos antigos ocuparam muitas outras roças nas terras altas. Moraram muito tempo, por exemplo, no lugar do sapo *yoyo* — que chamamos de *Yoyo roopë*, nas nascentes do rio Toototobi.¹⁵ Meu padrao costumava falar muito dessa floresta, pois viveu lá muito tempo quando era jovem. De lá, os antigos iam até os *Xamat^hari* que moravam no rio *Kapirota u*, em busca de ferramentas de metal, já que os antigos *Watata si* do rio Parima tinham ficado distantes demais.¹⁶ Os *Xamat^hari* as obtinham descendo o curso do Demini até os barracos dos brancos que viviam às margens do rio Aracá. Estes pescavam tartarugas e coletavam castanha-do-pará, balata e fibras de piaçava.¹⁷ A gente do *Kapirota u*, embora vivesse longe rio acima, conhecia bem esses brancos do rio. Costumava ir visitá-los e, na estação seca, trabalhava para eles durante várias luas. Conseguia assim objetos manufaturados de todos os tipos.¹⁸ Foi por intermédio deles que nossos maiores encontraram esses ribeirinhos, muito distantes de suas casas, pela primeira vez. Não foi, porém, pelo mero prazer de admirá-los que se aproximaram dos forasteiros.

Na verdade, o que sentiam era mais temor do que outra coisa, e não sem razão. Tanto que um dia essa gente ofereceu a eles comida com veneno, e vários an-
ciãos acabaram morrendo. Isso aconteceu perto das corredeiras do rio Aracá,
que os brancos chamam de Cachoeira dos Índios. Escutei essa história da boca
do meu padrasto, quando eu era criança. Ele a contava de vez em quando,
quando exortava a gente de nossa casa, durante a noite, com seus discursos
hereamuu sobre os tempos antigos.

Não apenas para obter fósforos, panelas de alumínio ou sal. Sabiam fazer
fogo com brocas de cacauero, suas esposas cozinhavam em potes de cerâmica
e salgavam suas bananas cozidas com cinzas de cipó *yopo una*. O que eles que-
riam dos brancos do rio eram suas ferramentas de metal novinhas, algo que
realmente não tinham. Naquela época era muito difícil consegui-las. Com mul-
to esforço, conseguiam trazer dessas longas viagens apenas alguns facões, às
vezes um machado. Isso lhes permitia abrir novas roças, maiores do que antes,
e cultivar as plantas com que poderiam alimentar suas famílias. Mas ainda ti-
nham de emprestar uns aos outros as raras ferramentas, como haviam feito no
passado com os pedaços de ferro conseguidos com os *Watata si* do rio Parima.
Assim, quando um homem tinha terminado de abrir sua roça, outro podia
abrir a sua, e depois outro, e outro, se revezando. No final, as ferramentas eram
emprestadas para gente de casas vizinhas, como outrora. Os antigos me con-
taram isso muitas vezes quando eu era criança.

Quanto a mim, encontrei pela primeira vez brancos quando ainda era
muito pequeno. Não sabia ainda nada a respeito deles. Na verdade, nem mesmo
pensava que tais seres pudessem existir! Era gente da Inspeção e soldados da
Comissão de Limites.¹⁹ Chegaram, certo dia, até nossa casa de *Marakana*. Ti-
nham subido o rio em nossa direção durante dias e dias, amontoados em gran-
des canoas a motor carregadas de alimento e caixas de mercadorias. Eram mu-
tos. Um grupo deles entrou de repente na nossa casa para pedir ajuda aos
nossos parentes. Estavam recrutando homens para acompanhá-los e transpor-
tar seus pesados carregamentos pela floresta. Pretendiam chegar até as nascen-
tes dos rios, para lá cavar buracos e plantar grandes pedras retas. Nossos antigos
nada compreendiam de sua língua de fantasma. Por fim, um *Xamatari* que
tinha conseguido uma esposa entre nós falou com eles. Ele já conhecia bem os

brancos por ter trabalhado a jusante, no rio Aracá, perto da Cachoeira dos Ín-
dios, e tinha aprendido um pouco a língua deles. Esses brancos da Comissão de
Limites trabalharam na região das terras altas de nossa floresta durante várias
luas, e um dia foram embora, tão de repente quanto tinham chegado.²⁰

Não me lembro de tudo o que aconteceu nessa época, porque é muito
antigo. Mas não esqueci a chegada desses forasteiros, porque me deixaram
apavorado! Aliás, assim que a vinda deles foi anunciada, todas as mães de *Ma-
rakana* preveniram seus filhos pequenos: “Os *napë* estão chegando! Escondam-
se! Senão, eles podem levá-los embora!”. E em seguida os fizeram ficar atrás
das redes, encobertos pela lenha encostada na parede da casa.²¹ As crianças
maiores, como minha irmã mais velha, fugiram por conta própria, para se
refugiar na floresta. Minha mãe me fez agachar ao seu lado e depois me cobriu
com o grande cesto de cipó que usava para carregar lenha. Eu estava apavora-
do, mas ela conseguiu me acalmar, me dizendo baixinho: “Não tenha medo, os
brancos não vão vê-lo! Só fique quieto!”. Uma vez protegido dos olhares, me
senti um pouco mais seguro. Então fiquei encolhido, em silêncio, observando
o grupo de visitantes brancos que entrava em nossa casa através da malha da
cesta. Achava-os de uma feiura terrível e meu coração batia forte no peito.
Tinha muita vontade de fugir, como os grandes, mas não queria chamar a
atenção. E assim tive de esperar por muito tempo, imóvel, segurando a respi-
ração, até os forasteiros irem embora e minha mãe me libertar!

As mães de nossa casa temiam que os brancos levassem seus filhos peque-
nos. Tinham muito medo mesmo de que os roubassem! Os antigos se lembra-
vam de que os soldados da Comissão de Limites já tinham levado com eles
crianças yanomami, quando, antigamente, subiram o rio Mapulaú pela primei-
ra vez.²² Naquela época, nossos maiores viviam nas terras altas, em *Yoyo roopë*.
Mas gente do Mapulaú tinha contado a eles que os brancos tinham pedido
vários de seus filhos. Ninguém queria dar os filhos, é claro! Mas todos receavam
o furor das epidemias dos brancos, caso recusassem. Então, o grande homem
da gente do Mapulaú acabou dando a eles um menino e uma menina,
que não eram filhos da gente de sua casa. Eram cativos, trazidos de uma incur-
são guerreira aos *Yawari*, que então viviam no alto rio Catrimani.²³ Ouvi meus
pais e meus avós contarem essa história muitas vezes. Por isso eu tinha tanto
medo dos brancos! Temia muito que quisessem levar a mim também! Até
agora me pergunto o que aqueles forasteiros queriam fazer com as crianças

yanomami. Talvez quisessem criá-las, para mais tarde enviá-las de volta, para pedir aos nossos grandes homens permissão para trabalhar na nossa floresta! Não sei.

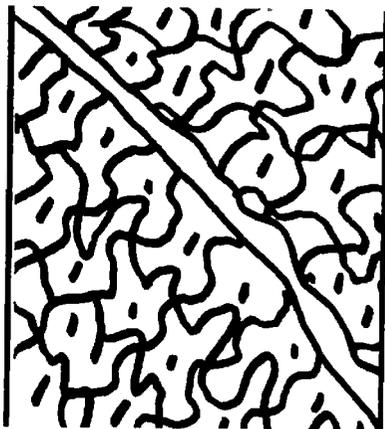
Hoje, nossas crianças não têm mais medo dos brancos. Mas eu, antes, tinha pavor deles! Eram mesmo outros. Eu os observava de longe e pensava que pareciam seres maléficis da floresta! Ficava apavorado só de vê-los! Tinham uma aparência horrível. Eram feios e peludos. Alguns eram de uma brancura assustadora. Perguntava a mim mesmo o que podiam ser seus sapatos, relógios e óculos. Esforçava-me para prestar atenção, tentando compreender suas palavras, mas não adiantava nada. Pareciam barulhos soltos! Além do mais, eles manipulavam sem parar vários tipos de coisas que me pareciam tão estranhas e assustadoras quanto eles próprios. Aliás, mesmo muito tempo depois dessa primeira visita, bastava um desses brancos querer se aproximar de mim para eu sair correndo, aos prantos. Eles realmente me apavoravam! Eu tinha medo até da luz que saía de suas lanternas. Mas temia ainda mais o ronco de seus motores, as vozes de seus rádios e os estampidos de suas espingardas. O cheiro de sua gasolina me deixava enjoado. A fumaça de seus cigarros me dava medo de adoecer. Em suma, eu pensava que deviam mesmo ser seres maléficis *ni wāri*, famintos de carne humana!

Em *Marakana*, os adultos não tiveram tanto medo dos brancos quanto nós, as crianças. Eles os conheciam um pouco. Muitos já tinham se encontrado com eles durante viagens de troca rio abaixo. O que deixou a todos apavorados, no entanto, foram os aviões que sobrevoaram nossas casas várias vezes. Ninguém jamais tinha visto um avião.²⁴ Assim que se ouvia o seu zumbido, homens, mulheres e crianças saíam correndo o mais rápido possível para se espalhar e se esconder pela floresta. Os anciãos achavam que aqueles seres voadores desconhecidos podiam cair e incendiar tudo na floresta. Pensavam que iríamos todos morrer, e às vezes tinham tanto medo que choravam quando falavam disso! Foi assim que aconteceu. Nossos pais e avós desconfiavam dos brancos, e sempre temeram suas fumaças de epidemia. No entanto, jamais se preocuparam em saber o que os trouxera à nossa floresta. Não sabiam que tinham vindo para demarcar a fronteira do Brasil no meio de nossa terra. Mostraram-se hospitaleiros e amigáveis. Juntaram-se de bom grado para acompanhá-los, transportando sua comida e suas ferramentas de metal em grandes cestos cargueiros. Apenas observaram os forasteiros com curiosidade,

enquanto abriam largas trilhas na mata e plantavam grandes pedras nas nascentes dos rios. Jamais teriam imaginado que, mais tarde, os filhos e netos daquela gente voltariam, tão numerosos, para tirar ouro dos rios e alimentar seu gado na floresta derrubada. Nunca pensaram que esses brancos um dia poderiam querer expulsá-los de sua própria terra. Ao contrário, uma vez passado o receio inicial, nossos antigos ficaram felizes com a visita daquela gente outra. Ao longo dos dias, examinavam atentamente as caixas cheias de facões e machados que tinham subido com eles o rio Demini.²⁵ Um único pensamento ocupava então suas mentes: “A partir de agora, nunca mais vão nos faltar ferramentas de metal!”

Muito mais tarde, já adulto, comecei a me perguntar o que os brancos tinham vindo fazer em nossa floresta naquele tempo. Acabei entendendo que queriam conhecê-la para desenhar seus limites e, assim, poder se apoderar dela. Nossos antigos não sabiam imitar a língua daqueles forasteiros. Por isso os deixaram chegar perto de suas casas sem hostilidade. Se tivessem entendido as palavras deles tão bem quanto as nossas, com certeza os teriam impedido de entrar em sua floresta com tanta facilidade! Acho, no final, que foram enganados por aqueles *napë* que exibiam seus objetos manufaturados com boas palavras: “Vamos ficar amigos! Vejam, estamos dando uma grande quantidade de nossos bens de presente a vocês! Não estamos mentindo!”. Aliás, é sempre assim que os brancos começam a falar conosco! Depois, logo atrás deles, chegam os seres de epidemia *xawarari* e então começamos a morrer um atrás do outro! Nossos antigos ainda não sabiam nada desse perigo. Queriam apenas trocar facões, machados, roupas, arroz, sal e açúcar. Dirigiam-se aos brancos repetindo alegremente algumas palavras deles, como papagaios. Pensavam: “Esses forasteiros são amistosos! Eles são muito generosos!”. Mas estavam equivocados! Assim que conseguiram os preciosos objetos e alimentos que tanto desejavam, ficaram doentes e depois começaram a morrer em série, um por um. Dói-me pensar nisso. Foram enganados por essas mercadorias e morreram todos só por isso. Foi assim que desapareceram quase todos os meus maiores, só por querer fazer amizade com os brancos. Depois da morte deles, fiquei só, com minha raiva. Ela nunca mais me deixou desde então. É ela que hoje me dá a força de lutar contra os forasteiros que só pensam em queimar as árvores da floresta e sujar os rios como bandos de queixadas. Sempre fico consternado quando olho para o vazio na floresta em que meus parentes eram

tão numerosos. A epidemia *xawara* nunca foi embora de nossa terra e, desde então, os nossos continuam morrendo do mesmo modo.



No começo, os nossos antigos limpavam bem os facões que recebiam dos brancos, antes de levá-los para casa. Mergulhavam na água dos igarapés e esfregavam bastante com areia. De fato, as lâminas dessas ferramentas eram pegajosas e exalavam um inquietante odor adocicado. Vinham besuntadas de gordura e embaladas em peles de papel.²⁶ Assim que os brancos abriam seus enormes caixotes de madeira para distribuir esses facões, saíam deles volutas de uma fina poeira perfumada. O odor era muito forte e se espalhava por toda parte. Todas as mercadorias deles eram impregnadas desse cheiro: facões, machados e tesouras; e também os tecidos de algodão, as redes. Nossos pais e avós não tinham nariz de branco. Reconheciam de longe o cheiro nauseante das ferramentas de metal. Consideravam-no perigoso e o temiam, porque os fazia tossir e adoecer logo depois que as pegavam.²⁷ Os velhos, as mulheres e as crianças morriam desse sopro cheiroso muito depressa. Por isso o chamaram *oo pē wakixi*, a fumaça do metal. Pensaram que era essa a origem das epidemias *xawara* que os devoravam.²⁸ Naquele tempo, nossos antigos sabiam pouco dos brancos. Não conheciam o cheiro deles, nem o de seus objetos. Por isso aqueles odores lhes pareceram tão intensos e assustadores. Era para eles como quando um jovem caçador é surpreendido pela primeira vez pelo cheiro de um bando de queixadas na mata! Eles nunca tinham cheirado nada parecido com aquilo, e isso os deixava muito preocupados.

Naquela época, os brancos também distribuía grandes quantidades de

cortes de tecido vermelho. Os homens faziam tangas com ele. Mas esse tecido de algodão também era muito perigoso. Pouco depois de receber um corte dele, as pessoas começavam a tossir e seus olhos infeccionavam.²⁹ Por isso os tecidos foram chamados de *t'oko kiki*, coisas da tosse. São bens de troca malféficos, produzidos pelos antigos brancos em terras afastadas, com o algodão de árvores de epidemia *xawara hi*.³⁰ A imagem deles aparecia aos olhos dos antigos xamãs que combatiam sua doença na forma de farrapos de tecido de um vermelho intenso. Hoje, usamos bermudas e outras roupas.³¹ Mas ainda desconfiamos das peças de algodão vermelho.³² O mal delas castigou muito nossos antepassados. Quando os brancos as rasgavam, saía uma fumaça enjoativa que deixava todos doentes. O peito de nossos pais e de nossos avós era fraco demais para resistir a ela, e a tosse os matava depressa. Essa poeira malcheirosa vinha dos armazéns onde os brancos empilhavam as peças de pano para guardá-las; era o cheiro da fumaça do motor das máquinas que o haviam tecido.

O mesmo medo tinham nossos antigos da fumaça dos pedaços de objetos que os brancos jogavam no fogo. Quando os viam queimando revistas, por exemplo, pensavam: "A fumaça dessas peles de imagens, com seus desenhos vermelhos e pretos, é perigosa! Vai nos cortar a garganta e machucar o peito. Sua tosse vai acabar nos matando!". Temiam também a fumaça de tabaco queimado que os forasteiros engoliam sem parar.³³ Na verdade, todos os objetos dos brancos afetavam nossos maiores com seu poder de doença: os facões, os tecidos, os papéis, os cigarros, os sabões e as coisas de plástico. Sua fumaça estranha se espalhava entre eles, e todos os que viessem a respirá-la muito de perto se punham logo a tossir e a vomitar.³⁴ Sem remédios, os matava muito depressa. Até as coisas de árvores de canto que os forasteiros chamavam de gaita faziam as pessoas adoecerem! Quando as distribuía, todos os rapazes tentavam soprar nelas por diversão, como se fossem flautas *purunama usi*. Logo em seguida começavam a sentir dor de garganta e os espíritos da tosse passavam a dilacerar-lhes o peito.³⁵ Assim foi. Os objetos dos brancos eram muito perigosos para os nossos antigos. Eles não os conheciam e jamais tinham visto nada assim. Tinham nascido muito longe das cidades e das fábricas, no meio da floresta. Por dentro, seu corpo era muito vulnerável às fumaças de todas essas mercadorias.

Mais tarde, recebemos em *Marakana* a visita de outros brancos da Inspeção. Trouxeram várias espingardas para nos dar de presente. Deram uma, no vinho, a meu padraço, que era o grande homem de nossa casa. Foram tratados por nossos maiores como amigos, e ficaram conosco algum tempo, como convidados. Então, seu chefe, que se chamava Oswaldo, começou a querer uma de nossas mulheres. Desejava uma das moças da gente de *Sina t^ha*, cuja casa era um pouco a jusante da nossa.³⁶ Eu a chamava de irmã. Ela acabara de ter a primeira menstruação. Oswaldo morava numa pequena cabana que a gente de *Sina t^ha* tinha construído para ele nas imediações. Ele começou a oferecer carne de caça e farinha de mandioca aos pais da moça, como nós fazemos para obter uma esposa. A mente dele estava fixada na beleza da menina. Ele queria mesmo copular com ela. Insistia cada vez mais para tê-la. Meu padraço teria concordado em cedê-la, temendo a ira dele se recusasse, mas as pessoas mais velhas de *Sina t^ha* eram contra. Os pais e avós da jovem não queriam aquilo de jeito nenhum. Sabiam que o branco jamais ficaria com ela na floresta. Tinham receio de que ele a levasse rio abaixo, e que acabasse por abandoná-la na cidade depois de algum tempo.³⁷ Sabiam que nunca mais iriam revê-la. Além disso, um rapaz de sua casa já a tinha pedido em casamento.

No começo, Oswaldo esforçou-se por demonstrar amizade por todos. Seus lábios sorriam por qualquer razão. Acabou se irritando, porém, com a persistente recusa à sua vontade. Começou a fazer reclamações o tempo todo. Depois, certa vez, surpreendeu a moça deitada na rede do seu jovem prometido. O desejo dele se transformou imediatamente em fúria. Juntou suas coisas e foi embora sem dizer uma palavra. Desceu o rio com a raiva plantada no peito. Ninguém ouviu mais falar dele por um tempo. Certo dia, porém, ele voltou à casa dos *Sina t^ha*. Pediu de novo a moça aos pais. Dessa vez, já não sorria. Tinha o rosto crispado e hostil. Diante de mais uma recusa, pôs-se a ameaçar o pessoal da casa com fúria: “Quero essa mulher já! Se não a derem para mim, faço todos morrerem!”. Nossos antigos eram valorosos e não se deixaram impressionar nem um pouco por aquela raiva vinda de seu desejo de copular!³⁸ Não tinham a menor intenção de deixá-lo levar a moça e não cederam. Ninguém desconfiava de que Oswaldo dizia a verdade e tinha mesmo decidido se vingar. Assim foi. A gente de *Sina t^ha* não deu a devida importância às ameaças dele.

Alguns deles me contaram que, cada vez mais enfurecido, ele enterrou perto da casa, durante a noite, uma caixa de metal contendo uma poderosa

fumaça de epidemia. No dia seguinte, o calor do sol foi intenso e a caixa esquentou debaixo da terra. Após algum tempo, o veneno fez explodir a tampa e deixou escapar uma fumaça espessa que invadiu tudo. Mas meu padraço me disse que não tinha acontecido assim. Contou-me que Oswaldo, para se vingar, chamou o namorado da moça a um lugar onde tinha escondido um embrulho no chão. Saía dele uma corda reta comprida, à qual ateou fogo, com folhas secas amarradas numa pequena vara. Assim que o fogo começou a se propagar, Oswaldo correu para um lugar seguro. Pouco depois, o pacote explodiu debaixo da terra, como um enorme tiro de espingarda. Torrões de terra foram lançados em todas as direções e uma densa nuvem de fumaça envolveu de repente a casa de *Sina t^ha*.³⁹ Apavorados com a explosão, seus moradores, inquietos, se perguntavam o que aconteceria com eles.

Certo tempo depois, Oswaldo fugiu, vociferando em sua língua de fantasma. Ninguém entendeu o que dizia. Porém, pouco tempo após sua partida, todos começaram a morrer em *Sina t^ha*, um atrás do outro. Isso aconteceu durante uma festa *reahu*. As mulheres ainda estavam ralando a mandioca dos beijus que seriam distribuídos aos convidados com carne moqueada. De repente, vários anciãos adoeceram e um deles acabou morrendo. O cadáver foi embrulhado pelos seus num saco de folhas de palmeira e amarrado no tronco de uma pequena árvore na floresta.⁴⁰ Choraram o morto e acabaram de preparar as provisões do *reahu*, que distribuíram às pressas entre seus convidados, para sua viagem de retorno. Entretanto, as crianças começaram a arder em febre. Em seguida, foram todos os moradores da casa atingidos pelo mal. Então, tomados de pânico, os que ainda podiam fazê-lo fugiram correndo pela floresta, para todos os lados.

A fumaça de Oswaldo não era uma mera doença da tosse. As vítimas, queimando de febre, tinham coceiras insuportáveis e sua pele se desfazia em pedaços. Elas não ficavam doentes por muito tempo, morriam logo, uma depois da outra.⁴¹ Não demorou para haver cadáveres por todos os lados na casa de *Sina t^ha*, tombados no chão ou encolhidos em suas redes. Muitos também morreram subitamente nas roças, na floresta ou na beira do rio. Os espíritos *xawarari* da epidemia devoraram com voracidade um grande número de mulheres, velhos e crianças, bem como vários xamãs. A moça que Oswaldo tanto desejava tampouco escapou. Foi o que me relataram mais tarde os poucos adultos que tinham conseguido fugir e sobreviver a essa epidemia. Passado algum tempo, voltaram para casa e encontraram os cadáveres em putrefação

por toda parte. Então recolheram e incineraram os ossos de seus parentes defuntos e não pararam de chorar durante todo o tempo que passaram enchendo um grande número de cabaças com as cinzas. Mas a fumaça das piras desses mortos de epidemia também era perigosa e vários deles vieram por sua vez a falecer. Era apavorante! Os raros sobreviventes, em prantos, foram tomados por uma profunda raiva de luto. Resolveram se vingar de Oswaldo, que tinha fugido em estado de homicida *ōnokae* logo depois de fazer estourar sua fumaça de epidemia.⁴² Buscaram-no, para flechá-lo, até no posto dos brancos da Inspetoria, em Ajuricaba, a jusante.⁴³ Em vão. Ele deve ter se escondido em Manaus e nunca mais retornou à nossa floresta.

Assim nossos maiores foram dizimados pela primeira vez. Antes dessa epidemia, ainda eram muito numerosos. Hoje, restam poucos.⁴⁴ Somente a gente de *Yoyo roopë* conseguiu escapar dessa epidemia, liderada por meu padrasto. Oswaldo tinha amizade por ele. Sempre lhe trazia presentes. Contou-me que, quando o pessoal de *Sina t^ha* começou a adoecer e Oswaldo estava a ponto de embarcar em sua canoa a motor para escapar, ele o alertou dizendo: “Vá embora deste lugar! Não chegue perto dessas pessoas, ou ficará contaminado também! Vão todos morrer! Estou muito furioso com eles! Deixe que morram, não volte à casa deles! Alerta os seus e se refugiem na floresta, bem longe, senão vocês também vão desaparecer!”. Tendo ouvido essas palavras, meu padrasto logo começou a incentivar as pessoas de nossa casa a fugir: “A epidemia *xawara* está perto! Precisamos abandonar tudo e partir ao alvorecer! Não devemos ir chorar os mortos de *Sina t^ha*, ou morreremos também!”. Contudo, no dia seguinte, alguns hesitaram em partir. Para acabar com a indecisão deles, meu padrasto ateou fogo à nossa casa. Era um grande homem, muito valoroso mesmo! Foi assim que deixamos a região de *Marakana*, às pressas. Então ficamos viajando, de acampamento em acampamento, descendo o rio Demini até bem longe. Ficamos escondidos na floresta durante várias luas e, por fim, voltamos a nos instalar em nosso local de *T^hoot^hot^hopi*, a alguma distância de *Marakana*. Se não tivéssemos fugido, a maioria de nós também teria morrido por causa dessa epidemia. Apenas alguns dos nossos morreram, afinal, porque durante a viagem, e contrariando a opinião de meu padrasto, tinham voltado para buscar mandioca em nossas roças velhas, passando por *Sina t^ha*.

Com que Oswaldo fez explodir essa epidemia? Eu não sei, mas os brancos devem saber! Nossos ancestrais desconheciam a febre ardente dessas fumaças de epidemia. Seus corpos eram frescos como a floresta em que sempre viveram,

sem remédio nem vacina. Talvez Oswaldo tenha posto fogo no pó que usam para explodir grandes rochas?⁴⁵ Seja como for, bastou que nossos antigos inalassem essa fumaça desconhecida para morrerem todos, como peixes que ainda não conhecem o poder letal das folhas do veneno de pesca *koa axihana*. Foi assim, perto de *Marakana*, que tomamos conhecimento da potência da epidemia *xawara* dos brancos. Entendemos então o quanto eram perigosos para nós! Agora, já faz muito tempo. Apesar disso, os sobreviventes ainda se lembram da fumaça que Oswaldo espalhou por vingança. Falam disso até hoje com seus netos. Não queremos mais passar por tamanho sofrimento. Já foram demais os nossos que morreram das epidemias *xawara* espalhadas pelos brancos. Nós, que somos o que resta de nossos maiores, queremos voltar a ser tão numerosos quanto eles foram antigamente. Não queremos mais ficar morrendo antes da idade. Queremos nos extinguir só quando tivermos nos tornado velhos de cabeça branca, já encolhidos, descarnados e cegos. Queremos que o ser da morte, que chamamos *Nomasiri*, e o da noite, *Titiri*, só nos façam desaparecer quando tiver realmente chegado a hora. Então, ficaremos felizes de morrer, pois teremos vivido bastante tempo, como acontecia com nossos antepassados, antes de encontrarem os brancos. Em *Marakana*, os nossos parentes eram muito numerosos e gozavam todos de plena saúde quando foram dizimados de repente — mulheres, crianças e velhos. Por isso suas mortes me enfurecem até hoje. Essas palavras de luto existem em mim desde a minha infância, e é delas também que me vem a força para falar duro com os brancos.

Quando viram aqueles forasteiros pela primeira vez, nossos maiores acharam que fossem fantasmas. Ficaram com muito medo, e disseram a si mesmos: “Devem ser os fantasmas dos mortos que voltam entre nós!”⁴⁶ Mais tarde, entenderam que podia tratar-se dos ancestrais de *Hayowari* que *Omama* havia transformado em estrangeiros *napë*. Pensaram então que aqueles habitantes de terras longínquas deviam ter retornado à floresta por generosidade, para trazer suas mercadorias para os Yanomami, que não possuíam nenhuma.⁴⁷ Hoje, ninguém mais pensa nada disso! Vimos os brancos espalharem suas epidemias e nos matarem com suas espingardas. Vimos-os destruírem a floresta e os rios. Sabemos que podem ser avarentos e maus e que seu pensamento costuma ser cheio de escuridão. Esqueceram que *Omama* os criou. Perderam as palavras de

seus maiores. Esqueceram o que eram no primeiro tempo, quando eles também tinham cultura.⁴⁸

Omama depositou a espuma com a qual criou os antigos brancos muito longe de nossa floresta. Deu-lhes uma outra terra, distante, para nos proteger de sua falta de sabedoria. Mas eles copularam sem parar e tiveram mais e mais filhos. Então, foram tomados de euforia, fabricando um sem-número de mercadorias e máquinas. E acabaram achando sua própria terra apertada. Ainda guardavam de seus avós antigas palavras acerca dos habitantes de *Hayowari* e sua floresta. Então declararam a seus filhos: “Existe, bem longe, uma outra terra, muito bonita, onde há muito tempo *Omama* criou os nossos antepassados. Os habitantes da floresta dos quais se originaram ainda vivem lá. Não são outra gente diferente de nós!”. Tais palavras devem ter se espalhado entre os brancos de antigamente, já que acabaram atravessando o grande lago que os separava de nós. Navegaram nele durante várias luas, em grandes canoas. Escaparam do vendaval e dos seres maléficis que povoam o centro dessas águas. E, por fim, conseguiram retornar a esta terra do Brasil.

Contudo, as verdadeiras palavras de *Omama* já não existiam neles havia muito tempo. Foi seu irmão mau, *Yoasi*, criador da morte, que os conduziu até nós, como um pai guia seus filhos. Os ancestrais que os brancos chamam de portugueses eram mesmo filhos de *Yoasi*. Mal haviam chegado, já começaram a mentir aos habitantes da floresta: “Somos generosos, e somos seus amigos! Vamos lhes dar mercadorias e compartilhar nossa comida! Vivemos com vocês e ocuparemos esta terra juntos!”. Depois, conversaram entre eles e começaram a vir, cada vez mais numerosos, para a terra do Brasil. No começo, seduzidos pela beleza da floresta, mostraram-se amigos de seus habitantes. Em seguida, começaram a construir casas. Foram abrindo roças cada vez maiores, para cultivar seu alimento, e plantaram capim por toda parte, para o seu gado. Suas palavras começaram a mudar. Puseram-se a amarrar e a açoitar as gentes da floresta que não seguiam suas palavras. Fizeram-nas morrer de fome e cansaço, forçando-as a trabalhar para eles. Expulsaram-nas de suas casas para se apoderar de suas terras. Envenenaram sua comida, contaminaram-nas com suas epidemias. Mataram-nas com suas espingardas e esfolaram seus cadáveres com facões, como caça, para levar as peles para seus grandes homens. Os xamãs conheciam todas essas antigas palavras. Tinham-nas ouvido ao fazerem dançar a imagem desses primeiros habitantes da floresta.⁴⁹

Contam os brancos que um português disse ter descoberto o Brasil há

muito tempo.⁵⁰ Pensam mesmo, até hoje, que foi ele o primeiro a ver nossa terra. Mas esse é um pensamento cheio de esquecimento! *Omama* nos criou, com o céu e a floresta, lá onde nossos ancestrais têm vivido desde sempre. Nossas palavras estão presentes nesta terra desde o primeiro tempo, do mesmo modo que as montanhas onde moram os *xapiri*. Nasci na floresta e sempre vivi nela. No entanto, não digo que a descobri e que, por isso, quero possuí-la. Assim como não digo que descobri o céu, ou os animais de caça! Sempre estive aqui, desde antes de eu nascer. Contento-me em olhar para o céu e caçar os animais da floresta. É só. E é esse o único pensamento direito. Antigamente, nossos maiores não ficavam se perguntando “será que os brancos existem?”. Como eu disse, seus xamãs já faziam descer a imagem dos ancestrais desses forasteiros muito antes de seus filhos chegarem até nós. As imagens dos antigos brancos dançavam para eles, que cantavam e dançavam imitando suas palavras enroladas. As pessoas comuns escutavam essa língua de fantasma com curiosidade, e pensavam: “Gostaria muito de conhecer essa gente outra! Como serão? Será que vou poder vê-los um dia?”.

Nossos espíritos *xapiri* viajam para muito longe, até os confins da terra e do céu. Por isso nossos maiores também conheciam desde sempre o grande lago que os brancos atravessaram. Costumavam fazer dançar sua imagem com as dos seres da tempestade e dos redemoinhos que o povoam. Suas águas provêm do grande rio que irrompeu do mundo subterrâneo em *Hayowari*, que eles chamavam *H^mara u*.⁵¹ Foi com sua espuma que *Omama* criou os forasteiros. De modo que nossos antigos xamãs já falavam dos brancos muito antes de eles nos encontrarem na floresta. Seus antepassados não descobriram esta terra, não! Chegaram como visitantes! Porém, logo depois de terem chegado, não pararam mais de devastá-la e de retalhar sua imagem em pedaços, que começaram a repartir entre si. Alegaram que estava vazia para se apoderar dela, e a mesma mentira persiste até hoje. Esta terra nunca foi vazia no passado e não está vazia agora! Muito antes de os brancos chegarem, nossos ancestrais e os de todos os habitantes da floresta já viviam aqui. Esta é, desde o primeiro tempo, a terra de *Omama*. Antes de serem dizimados pelas fumaças de epidemia, os nossos eram aqui muito numerosos. Naqueles tempos antigos, não havia motores, nem aviões, nem carros. Não havia óleo nem gasolina. Os homens, a floresta e o céu ainda não estavam doentes de todas essas coisas.